

# CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE NA PÓS-MODERNIDADE

*Márcia Camargo Ito*

*Mestranda do Curso de Letras do Programa de Pós-Graduação da Universidade  
presbiteriana Mackenzie.*

## RESUMO

Este artigo, a partir de uma charge de Quino, tem o objetivo de focalizar o processo de construção de identidade na pós-modernidade, baseando-se nos princípios da obra *Pedagogia da Autonomia*, de Paulo Freire.

Palavras-chave: construção de identidade, pós-modernidade, autonomia.



(Quino, *Potentes, prepotentes e impotentes*. Lisboa, Dom Quixote, 1990.)

Há uma mensagem de Paulo Freire que sintetiza sua confiança no ser humano e que merece ser repetida, como um eco, de geração a geração para que o ser humano nunca se esqueça de sua capacidade criadora de intervenção no mundo: *O mundo não é. O mundo está sendo* (Freire, 2004: p.76). Quando o indivíduo se conscientiza de seu poder de ação no presente, ele se torna mais ativo. O presente se torna, sucessivamente, eterno.

Ao observarmos o comportamento do ser humano, o que mais nos surpreende é o fato de que, muitas vezes, ele só age pensando no futuro. Um futuro que, quando chega, é resumido como sendo o de alguém que morreu sem ter sabido viver!

Se não sabemos viver, como saberemos educar o outro para viver? Ninguém é culpado! Precisamos vencer o costume de culparmos o outro pelo que somos. Não podemos ensinar aquilo que não sabemos e nem desistirmos de aprender a ensinar. Os pais, com certeza, sempre têm boas intenções - apesar da exagerada vigilância sobre os filhos que muitos exercem - e os filhos talvez não sejam tão rebeldes, se considerarmos a repressão por parte de pais autoritários, ou de pais que simplesmente não sabem lidar com um filho que não aceita ser domesticado conforme certos padrões de comportamento. Rubem Alves, em *Conversas com quem gosta de ensinar*, levanta a questão “daquilo que poderíamos ser se não tivéssemos sido domesticados” (Alves, 1981: p.17). A resposta? Fica a interrogação.

No dicionário, encontramos, dentre outros, este significado para a palavra família: “grupo de indivíduos que professam o mesmo credo, têm os mesmos interesses” (Ferreira, 1986: p.755). Na prática, não é, necessariamente, o que acontece. Conflitos nas relações familiares ocorrem com frequência, justamente porque indivíduos, que dividem o mesmo espaço físico, podem estar completamente distantes uns dos outros, ideologicamente.

A família, entendida como um núcleo social básico, sem dúvida nenhuma, tem um papel fundamental no processo de construção de identidade de qualquer ser humano. É a família que atribui à criança características que independem de sua vontade, como por exemplo: a escolha de seu nome, o vestuário, os hábitos alimentares, a religião, o espaço social em que habita, os costumes e valores, além da carga genética. É importante ressaltar que isso tudo é atribuído à criança e não assumido por ela, já que ela não tem discernimento para responder pelos seus próprios atos. O conflito pode ocorrer, quando ela puder expressar voluntariamente seus interesses e seu gosto pessoal, mas não receber aprovação da família.

Joaquín Salvador Lavado, famoso cartunista argentino, criador da personagem “Mafalda” e conhecido internacionalmente como Quino, representou com maestria o conflito familiar entre pais e filhos. A charge, anteriormente apresentada, foi publicada em livro didático para o ensino fundamental, para que os alunos pudessem refletir e discutir sobre problemas nas relações familiares.

Analisando-se a charge de Quino, vemos como ideologias opostas podem ser figurativizadas por meio de um texto imagético – no caso, as formações ideológicas estão

representadas por meio de formas geométricas: o quadrado e o espiral abrigam e projetam vozes sociais em oposição e, por isso mesmo, refletem visões de mundo em conflito.

Na Antigüidade, a Retórica compreendia por *ethé*, a personalidade que os oradores revelavam por meio de sua maneira de se exprimir. Hoje, segundo os estudos de Dominique Maingueneau, entende-se o *ethos* como um modo de presença no mundo ou *uma maneira de habitar o espaço social*. (Maingueneau, 1995: p.139)

Ao projetarmos a idéia do *ethos* na charge de Quino em estudo, verificamos que o filho está sendo coagido a assumir o *ethos* do pai. Neste caso, adotemos a identidade do pai como um *ethos*; e o filho, como seu *anti-ethos*, uma vez que ele se coloca em divergência ao modelo do pai; a partir daí, a construção de identidade segue o método comparativo, por questão de referência. Todo *ethos* tem seu *anti-ethos*. O que o *ethos* diz, o *anti-ethos* nega; o que o *ethos* aceita, o *anti-ethos* rejeita. E é exatamente na oposição, na diferença, que reafirmamos nossa identidade, sem excluir o outro.

Pais rigorosos constroem ou filhos rigorosamente opositores, ou filhos dóceis e submissos; daí a necessidade do diálogo e do equilíbrio, pois a resposta vem na mesma intensidade. Sob a perspectiva bakhtiniana, *estudar um diálogo significa levar em conta os rastros de uma dualidade das vozes em cada enunciado proferido* (Brait, 1997: p.51). A charge analisada apresenta um pai rigoroso em seu julgamento e que tem o respaldo da esposa. Ambos mantêm uma postura ereta, constroem um filho que responde silenciosamente, de cabeça baixa, inclinado, obediente, submisso. Eugenio Coseriu considera, em sua obra *O Homem e a sua Linguagem*, que *o calar pode, mesmo, converter-se em meio expressivo* (Coseriu, s/d: p.17).

No texto imagético em questão, os pais construíram um sistema estável, fixo, supostamente seguro, fechado. Simbolizam bem o modelo estruturalista, preso à forma, à regra, e ao sistema construído pelo seu Código. Traçar retas significa traçar normas e seguir princípios com *retidão*. Nesse raciocínio, as retas se encontram no ponto certo, esperado, calculado e se fecham formando o quadrado. Nota-se a valorização da tradição que exige a repetição do modelo sem a chance de dialogar com o novo.

O filho representa uma nova tendência, a renovação do sistema, a inocência da libertação das formas, o prenúncio do pós-estruturalismo, a ruptura da estabilidade. O espiral simboliza um sistema aberto, receptivo às constantes transformações, permeável ao contato com o outro e essencialmente não-estável porque não está fechado em si mesmo. Mais ainda, o espiral simboliza maior flexibilidade, vulnerabilidade, um desprendimento no tempo e

espaço; primeiro, porque o menino ainda não está viciado nas normas do sistema, embora já esteja sendo treinado para obedecê-las; segundo, porque, de certa forma, ninguém quer se sentir aprisionado a um sistema, embora todos, em diferentes graus de intensidade, o estejam.

Fazendo uma analogia, podemos dizer que o momento em que vivemos é exatamente o representado pelo menino - a pós-modernidade. Nas palavras de Santos,

Simbolicamente o pós-modernismo nasceu às 8 horas e 15 minutos do dia 6 de agosto de 1945, quando a bomba atômica fez booom sobre Hiroxima. Ali a modernidade – equivalente à civilização industrial – encerrou seu capítulo no livro da História, ao superar seu poder criador pela sua força destruidora (SANTOS, 1986: p.20).

Para alguns, o presente momento representa uma libertação renovadora, a possibilidade de se construir de forma diferente. Já para outros, esse mesmo momento representa uma libertação ameaçadoramente desconhecida, a imersão numa fase de desestabilização em todos os setores, um momento marcado por um sentimento de abandono e descrença, no qual as pessoas são levadas pelas circunstâncias, como se não tivessem controle algum sobre suas vidas.

A intensificação de um capitalismo mal trabalhado e sem limites, porque já não tem mais o seu inimigo, tem sido o foco gerador de uma promiscuidade, não só no sentido sexual, mas também no sentido ideológico, porque tenta por todos os meios enxergar formas de negociação em tudo o que “pode” ser comercializado, indiscriminadamente. Nota-se um hibridismo de gostos que não se compromete com uma só ideologia. Ou perdeu-se o foco ideológico, ou o foco ideológico ampliou-se demais sem que estivéssemos preparados para tamanha amplitude.

Fica, então, a questão: Como os pais podem recriminar um processo natural de construção identitária e exigir do menino a unicidade de um modelo se ele terá de se construir diante da diversidade de modelos?

Bakhtin tem a resposta: *O sujeito é feito daquilo que ele não é* (apud Brait, 1997: p.59). Mais ainda, *o eu só pode se realizar no discurso, apoiando-se no nós* (Brait, 1997: p.62). Ou seja, é impossível considerar só o “eu” quando se é um ser social. Todo indivíduo carrega em si vozes sociais, é a multiplicidade de vozes que constrói o sujeito histórico, ideológico, social.

Dialogismo e polifonia são as chaves para o entendimento de que, mesmo em um ser isolado, é possível identificar mais de uma voz. Provavelmente, o menino construirá sua identidade fazendo o cruzamento das vozes do passado com as vozes do presente para se adaptar à vida pós-moderna. Sob a perspectiva de Paulo Freire, o objetivo final não é se adaptar, mas inserir-se no sistema, perceber-se como seu integrante, para então transformá-lo. Mas primeiro, o filho terá de ouvir a voz inaudível de uma nova consciência que o permita desconstruir o antigo “eu” para surgir o novo “eu”, por meio da elaboração de normas interiores que só se aplicam e funcionam com o correspondente “eu” que as construiu. Talvez essa seja a *difícil passagem ou caminhada da heteronomia para autonomia* (Freire, 2004: p. 70)

A charge apresenta um pai com óculos quadrados, por isso sua cosmovisão é igualmente “quadrada”, as inovações passam por uma filtragem “quadrada”. Todo ser humano deveria verificar constantemente o estado de sua visão para enxergar o mundo e ter uma percepção mais ampliada da realidade. A arrogância, a intolerância e a intransigência turvam a visão. O mérito não é enxergar o porvir, pois o futuro pertence à esfera da imprevisibilidade, o mérito é enxergar o presente e atuar no presente. Afinal, retomando o pensamento freireano que inicia este artigo, *o mundo não é. O mundo está sendo* (Freire, 2004: p. 76).

O pai se recusa a aceitar que o filho poça trilhar um caminho diferente e, ainda assim, ser bem sucedido; pode fracassar também, para mais tarde dar razão ao pai, mas o filho tem o direito de tentar e errar, tentar e acertar. As experiências fazem parte do processo de construção de identidade. Mais que direito, o filho deve ter força criadora suficiente para não desistir de exercer influência em seu meio e marcar sua presença no mundo. A autonomia se firma com a experiência, junto com as responsabilidades assumidas. *Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas* (Freire, 2004: p.107). Impor ao outro sua própria visão é desrespeitar o outro e a si mesmo também. O menino não precisa de óculos, posto que enxerga bem o seu mundinho! Mas é difícil dizer a verdade para alguém de quem se depende ou se tem medo.

É preciso ter maturidade para ouvir a verdade sem se sentir ofendido ou desrespeitado; é preciso ter maturidade e serenidade para dizer a verdade, pois corre-se o risco de ser incompreendido. A busca pela verdade independe da idade: a criança, o adolescente, o adulto, o idoso, qualquer um pode ter maturidade ou não para ouvir a verdade.

É claro que o menino precisa de segurança e estabilidade; é claro que os pais se preocupam em refletir um bom exemplo para seus filhos - precaução, cuidado, zelo e autoridade são indispensáveis. O problema é o excesso que se converte em repressão, ameaça, castigo e sentimento de culpa. Limite é necessário, mas a rigidez prejudica a criatividade, iniciativa e autonomia. Além disso, os pais não precisam se escravizar na vivência de um modelo perfeito. Eles podem ser imperfeitos, mas se forem coerentes não perderão o respeito e a admiração dos filhos. Viver na imperfeição nos coloca numa posição mais humana, tangível, mais próximos uns dos outros.

Carregamos a dúvida do limite: não podemos rejeitar tudo, nem aceitarmos tudo! Não queremos cair no preconceito e nem na falta de limites de uma sociedade cada vez mais permissiva que tem mercado para todas as ideologias. Vivemos uma fase paradoxal, temos necessidade de construir nossa identidade por meio de uma “sintaxe flexível”, de natureza plástica, que oscila entre a busca da estabilidade e a experiência da desestabilização.

Voltando à ilustração de Quino, observa-se que o pai teve tempo para construir seu próprio sistema - herdeiro do patriarcado, provavelmente seguiu os passos de seu pai também. No entanto, é cedo para o menino aceitar a ideologia do quadrado como a única verdadeira e certa para si. Algumas estratégias, que funcionavam na época do pai, podem não funcionar na época do filho. A globalização faz com que se torne difícil aceitar qualquer sistema como sendo absolutamente verdadeiro. Santos entende que

O pós-modernismo é um ecletismo, isto é, mistura várias tendências e estilos sob o mesmo nome. Ele não tem unidade; é aberto, plural e muda de aspecto se passamos da tecnociência para as artes plásticas, da sociedade para a filosofia. Inacabado, sem definição precisa [...] (SANTOS, 1986: p.18-19).

A natureza híbrida da pós-modernidade faz com que estejamos em contato com múltiplas realidades, pois cada ser humano constrói sua realidade por meio de uma língua e cada língua encarna uma maneira diferente de experimentar a vida. Nas palavras de Coseriu,

O falar é sempre ‘falar uma língua’, razão pela qual em todas as ocasiões o falante se revela como pertencente a uma comunidade determinada historicamente ou, pelo menos, como alguém que assume temporariamente a tradição idiomática desta ou daquela comunidade. (COSERIU, s/d: p.19).

Há, no entanto, um pormenor: as línguas não são fechadas em si, elas dialogam umas com as outras e se transformam. Por isso, a incalculável diversidade de identidades no mundo. Em suma: podemos enxergar o homem como um texto imagético animado, porque o homem é linguagem. Volta-se, assim, à essência do título da obra de Coseriu, *O Homem e a sua Linguagem*.

Se o estilo clássico buscava o verdadeiro, o belo e o bom (visão aristotélica), o estilo pós-moderno busca “o que funciona”. O modelo tradicional operava pela razão, equilíbrio e harmonia; o modelo pós-moderno opera, ora pelo excesso, ora pelo vazio, o contraste é gritante. O filósofo francês Gilles Lipovetsky, define este momento como o “caos organizador”, pois a sociedade contemporânea vive uma experiência paradoxal entre a ordem e a desordem, entre a “cultura do excesso” e o “elogio da moderação”. *Há um sentimento de excrescência, de ultrapassagem dos limites, em que as coisas caminham cada vez mais rapidamente porque os limites da tradição – Estado, religião – se perderam.* (Lipovetsky, 2004: p.5). O pós-moderno é “desgovernado” pela linha pragmática que aceita qualquer corrente ideológica vista sob a ótica relativista, desde que funcione – e *a aprendizagem da assunção do sujeito é incompatível com o treinamento pragmático.* (Freire, 2004: p.42) Para se construir é preciso se encontrar em alguma ideologia e caminhar coerentemente com ela, fazendo escolhas e rupturas. Não é possível ser coerente com todas as ideologias ao mesmo tempo.

Nessa nova fase, o conhecimento não é visto mais como a verdade absoluta; ao contrário, o conhecimento é visto como algo inacabado que deve ser reorganizado constantemente em novos paradigmas. Ou seja, o conhecimento deve passar por um processo de reciclagem.

Os seres humanos constroem modelos de comportamento, mas esses modelos são “textos” que precisam ser revisados constantemente, pois somos, como bem afirma Paulo Freire em sua obra *Pedagogia da Autonomia*, seres inacabados e precisamos ter a consciência dessa inconclusão. O “eu” precisa adaptar-se e participar de um mundo em constante processo de organização. A organização do “eu” interior e de sua relação com o mundo exterior é concomitante.

Não há um mapa certo que nos ajude a caminhar na pós-modernidade. Faz parte do processo de construção de identidade se perder e se encontrar, errar e acertar. A cada indivíduo é dada a chance de traçar seu próprio caminho. A bússola são os princípios que carregamos conosco. O ponteiro é a ética. Amor bem canalizado, equilíbrio nas decisões, bom

senso ao analisar os diversos contextos e respeito pelos diferentes níveis de entendimento - são os pontos cardeais que servem de orientação diante de situações imprevisíveis que dificilmente a educação familiar e/ou a acadêmica conseguem suprir. Não adianta rejeitarmos as transformações e nem aceitarmos o que nos agride. Entretanto, um fato é certo: as estruturas mudam mesmo que o ser humano não queira; afinal de contas, o mundo ainda não olhou diretamente para os olhos de Medusa para ficar petrificado, estático, parado.

Freire tem razão: *O mundo não é. O mundo está sendo ...* (FREIRE, 2004: p.76).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 1999.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de e FIORIN José Luiz (orgs.) *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade*. São Paulo: Edusp, 1999.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. Campinas: Ed. Unicamp, 2000.
- BITTI, Pio Ricci e ZANI, Bruna. *A comunicação como processo social*. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.
- BRAIT, Beth (org.) *Bakhtin, Dialogismo e Construção de Sentido*. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.
- COSERIU, Eugenio. *O homem e a sua linguagem*. RJ/SP: Presença/ Edusp, (s/d) p. 17-30.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- LIPOVETSKY, Gilles (entrevista) e PERES, Marcos Flávio (editor do Mais!). O Nascimento do Hipermoderno. O Caos Organizador. *Folha de São Paulo, Caderno Mais!*, São Paulo, p. 4 -7, 14/03/2004.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Contexto da obra literária*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Ed. Unicamp. Pontes, 1997.
- NÖTH, Winfried. *Panorama da semiótica. De Platão a Peirce*. São Paulo: Annablume, 1998.
- QUINO. *Potentes, prepotentes e impotentes*. Lisboa: Dom Quixote, 1990. In: CASTRO, Maria da Conceição e DELMANTO, Dileta. *Português Idéias & Linguagens*. São Paulo: Saraiva, 2001.
- SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

SANTOS, Jair Ferreira. *O que é Pós-Moderno*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SANTOS, Boaventura de Sousa. “*Modernidade, identidade e a cultura de fronteira*”. *Pela mão de Alice. O social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 2001. p.135-157.